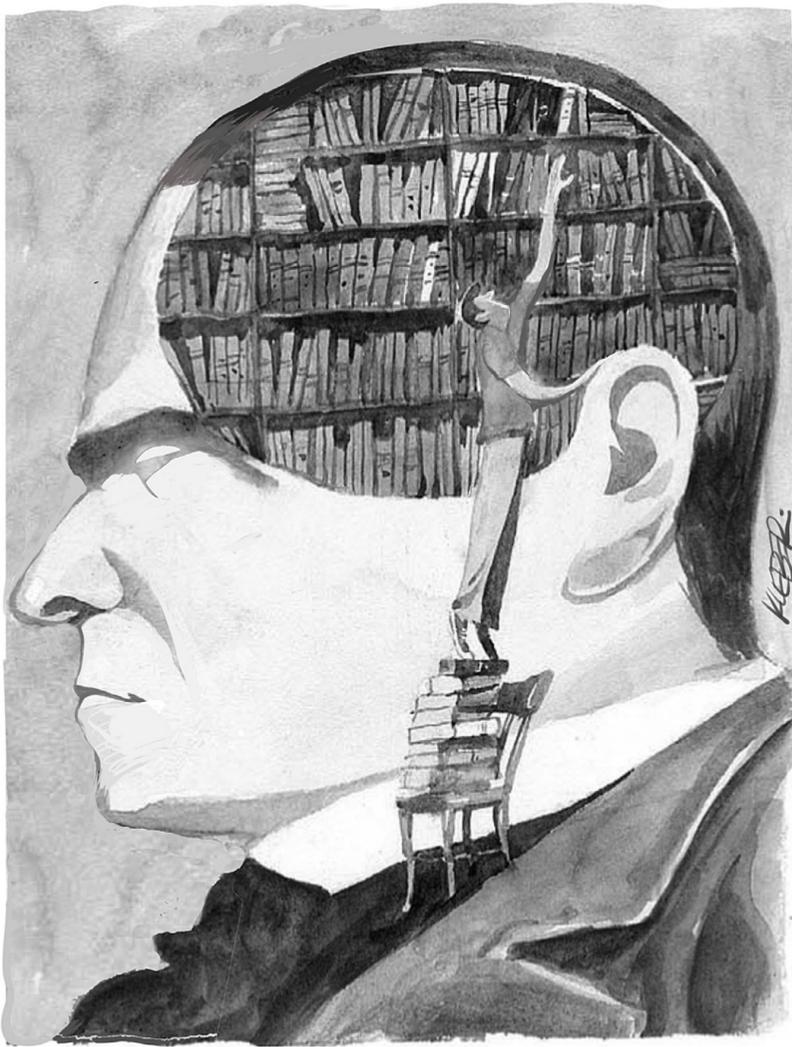


Desvendando o cérebro

» CRISTOVAM BUARQUE
Professor emérito da UnB



A última frase do livro *No labirinto do cérebro* diz: “Em algumas décadas nossos livros médicos estarão em museus como documentos de uma época em que se abria a cabeça, o tórax e o abdômen dos pacientes”. Ela reflete a percepção do autor sobre a evolução da medicina, mas não se aplica ao próprio livro, que tem as qualidades da boa literatura: desluzar o leitor, aumentar o conhecimento sobre a realidade e seus mistérios e provocar novas ideias e conceitos.

No labirinto do cérebro, de Paulo Niemeyer Filho, desluzbra ao contar as aventuras do avanço da ciência e as batalhas médicas para dar qualidade de vida às pessoas. O autor conseguiu entrelaçar as aventuras do pensar e do agir; do entender o funcionamento do cérebro e de corrigir seus defeitos de funcionamento. Emociona acompanhar os desafios de cientista para desbravar o conhecimento sobre o cérebro e os desafios do cirurgião ao usar as mãos para salvar vidas e recuperar competências perdidas. Dupla aventura do saber e do fazer, com texto fluido, belas imagens e analogias poéticas.

O autor descreve suas vitórias e conquistas de cientista e cirurgião, transmitindo ao leitor um misto de surpresa, encantamento, esperança. Fica a certeza de que ele é ótimo escritor e grande cientista. Terminamos de ler cada capítulo com admiração, respeito e confiança no trabalho que o autor descreve, e com alívio pelo final feliz de cada história bem contada. Como se Fernão de Magalhães tivesse sobrevivido e contado sua aventura, ao mesmo tempo em que descrevesse a beleza da geografia, a ciência da navegação e a engenharia náutica.

Paulo Niemeyer Filho provoca, com rara competência, tensão narrativa ao criar estimulantes frases de abertura para seus capítulos: “Em que momento o homem primitivo começou a falar”; “Quando olhamos o cérebro, observamos que, como uma fruta, ele tem duas cores”; “Em 1835, dois pesquisadores da Universidade de Yale apresentaram no Congresso Mundial de Neurologia, em Londres, a experiência da secção dos lobos frontais em dois chimpanzés”; “No final da tarde, fui chamado às pressas para atender o filho de um casal amigo, que sofrera traumatismo craniano ao cair de skate”; “Numa tarde de fim de semana, fui convidado para receber um paciente que vinha do interior do estado, de ambulância, com dormência nas pernas após uma queda de cavalos”; “Certo dia, uma amiga me ligou queixando-se de uma dor de cabeça diferente”. Cada uma das aberturas desperta a curiosidade do leitor, como fazem grandes escritores quando acham a frase certa antes de uma boa história. E ele faz isso para descrever a aventura do diagnóstico, da busca por alternativas para enfrentar o problema, o que foi feito antes e quais os resultados.

No capítulo que começa com a frase “Numa manhã de março, um casal é atendido no ambulatório do hospital local”, Paulo Niemeyer conta a fascinante história do primeiro caso identificado, em 1901, pelo doutor Alois Alzheimer, da doença que depois veio a receber seu nome, graças à descoberta que fez contrariando a ciência de sua

época. Uma aula simples de história da medicina, com a qualidade de nos auxiliar a identificar sintomas dessa doença e saber como enfrentá-la.

No labirinto do cérebro é um livro para ser lido pelo prazer de ler, pelo acúmulo do conhecimento que transmite e pelos alertas que faz. Além disso, um livro que passa esperança e ensina a salvar vidas ao indicar sintomas de doenças que podem ser evitadas ou curadas se tratadas em tempo. Deve ser indicado para jovens adquirirem gosto pela leitura e atração pela aventura da ciência e da medicina.

No meio do prazer e do aprendizado que passa, o livro nos provoca imaginar que os conjuntos sociais podem ser comparados com organismos humanos, como se o Brasil tivesse um cérebro

que sofre de Alzheimer ao esquecer sua história, sofre de tumores, derrames e isquemias que nos impedem de usar o potencial que temos. Sobre tudo, ao provocarmos uma terrível isquemia social, por falta de escola com qualidade para todas nossas crianças. O que nos faz pensar que o cérebro humano, pelo menos dos políticos, carrega um defeito de fabricação ao dispor de imenso poder lógico para entender e manipular a realidade, mas sem ética que regule esse poder.

No labirinto do cérebro tem outra qualidade dos grandes livros: ao terminar a leitura, desejamos recomençar e refletir mais sobre cada frase que sublinhamos, além de desejar que muitos vivenciem as aventuras que ele descreve e descubram a beleza estimulante de suas páginas.

A importância do Gasoduto Rota 4b

» ANDRÉ CECILIANO
Deputado estadual (PT), presidente da Alerj

Ao mesmo tempo em que o Brasil importa gás natural liquefeito (GNL) e paga cada vez mais caro por isso, metade de todo o gás produzido na Bacia de Santos pela Petrobras (que representa 70% da produção nacional) é reinjetado nos campos de petróleo. É isso mesmo. O botijão (GLP) bate a casa dos R\$ 120, a Naturgy anuncia aumento de 50% no fornecimento na virada do ano no Rio; a energia elétrica puxa a inflação para cima devido ao acionamento das termelétricas. Enquanto isso, o gás que o país produz retorna ao fundo do mar.

A explicação, de ordem técnica, de que, ao ser reinjetado, o gás produz pressão para a extração de petróleo é verdadeira só em parte, pois até existem muitas outras alternativas além dessa. A verdade sobre esse desperdício repousa numa outra questão, estrutural: faltam gasodutos para levar o gás à terra. Construir infraestrutura custa caro, e, numa visão de curto prazo, vale mais a pena o Brasil importar gás de fora do que construir dutos.

Essa visão, porém, gera uma série de prejuízos. O mais visível é o fato de a nossa matriz energética seguir dependente do mercado internacional e da variação do dólar. A menos visível, mas certamente mais grave, é o impacto dessa estratégia no nosso desenvolvimento como nação.

É sabido que a oferta de gás é fator determinante para a atração de indústrias, motores de qualquer economia. Para ter uma ideia, o Brasil tem 9.400km de gasodutos, pouco mais da metade da malha da Argentina (16 mil Km). EUA e Europa têm, respectivamente, 497 mil km e 200 mil km de dutos.

Atualmente, há um único projeto de expansão da nossa malha em etapa de construção: a Petrobras prevê inaugurar em 2022 a Rota 3. Com 355km de extensão, sendo 307km referentes ao trecho marítimo e 48km ao terrestre, o gasoduto escoará gás natural do Polo Pré-Sal da Bacia de Santos, passando por Maricá até o Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro (Comperj), em Itaboraí, onde haverá uma unidade de processamento de gás natural.

É nesse contexto de necessidade urgente de expandir a malha de distribuição de gás natural do Brasil, que se insere o projeto do gasoduto da Rota 4b, que chegou a ser anunciado em 2019, mas permanece no papel. Com 299km de extensão, uma vez construído, ele terá capacidade de escoar o gás hoje produzido pela norueguesa Equinor no Campo de Bacalhau, na Bacia de Santos, passando pela Ilha da Madeira, no Porto de Itaguaí, na Baixada Fluminense, e espalhando desenvolvimento por toda aquela região, uma das mais pobres do estado, onde vivem quatro milhões de pessoas.

São Paulo, que de bobo não tem nada, faz lobby para que a rota escolhida seja a da rota 4a, que passa pela já superdesenvolvida e industrializada região de Cubatão. O Rio, apesar da sua tradicional dificuldade de se unir em torno dos legítimos interesses do estado, atua para convencer o governo federal a tirar o projeto do papel usando o traçado da Rota 4b, posto as vantagens existentes em relação à Rota 4a.

Além de a cidade ter o Porto de Itaguaí (na Baía de Sepetiba) e ser terminal da linha férrea da MRS, de exportação de minério, com ligação com Minas e o Centro-Oeste, o município se conecta com todo o potencial do Arco Metropolitano (BR-493), área perfeita para o nascimento de condomínios industriais, desde que haja as condições para tal. E a oferta de gás traz essa condição.

Do ponto de vista econômico, gás e minério formam uma dupla perfeita: estudos indicam que a potencialização do valor do agregado do valor ao minério exportado através do processo HBI (Hot Briquetted Iron) apresenta grande potencial, cabendo muito bem no escopo de novas aplicações da Vale, Gerdau e a Ternium, proximamente localizadas. Hoje, essas empresas usam o carvão mineral na sua produção. A oferta de gás, muito mais barato e benéfico para o meio ambiente, daria, literalmente, outro gás à produção local.

Além disso, a região da Baixada conta com uma bacia aérea favorável, com recursos hídricos ainda disponíveis, o que favorece projetos de termoeletricidade, inclusive para atender a demanda fixada ao Rio de Janeiro dentro das eventuais contrapartidas da Lei nº 14.182, aprovada pela desestatização da Eletronbras. Some-se a isso recente estudo do BNDES segundo o qual a oferta de gás permite a fabricação de fertilizantes nitrogenados, gerando uma oportunidade de o Brasil produzir algo que hoje a nossa agricultura importa em quantidades colossais.

Ou seja, o Brasil está em um momento de desafio energético, correndo o risco de parar em alguns anos se não fizer o dever de casa no presente. Com planejamento, estudo e, acima de tudo, mobilização, conseguiremos fazer o Brasil sair dessa crise mais forte, e nesse contexto, ainda ajudar o Rio de Janeiro a construir caminhos sustentáveis para a diversificação da sua economia e desenvolvimento.

Moro representa o continuísmo

» PETRÔNIO PORTELLA FILHO
Doutor em economia pela Unicamp, é consultor concursado do Senado

Segundo a última pesquisa IPEC (antigo Ibope), Lula tem 48% das intenções de voto e venceria no primeiro turno. Sergio Moro teria apenas 6%. Ou seja, o homem que passou 580 dias preso tem oito vezes mais intenção de voto do que o juiz que o condenou. O mundo dá voltas.

O ódio ao PT refluiu, mas não na grande imprensa. Editoriais alegam que o STF teria usado filigranas para anular as provas contra Lula. Quem diz isto ignora que, em duas ocasiões, o juiz se traiu e declarou nos autos que as provas eram inexistentes:

“Enfim, de fato, não há prova de que os recursos obtidos pela OAS com o contrato com a Petrobras foram especificamente utilizados para pagamento ao presidente”. “Este juízo jamais afirmou, na sentença ou em lugar algum, que os valores obtidos pela Construtora OAS nos contratos com a Petrobras foram usados para pagamento da vantagem indevida para o ex-presidente.”

Moro usou a ausência de provas como fator agravante e condenou o réu também por lavagem de dinheiro. A sentença é bizarra. Moro ignorou 70 testemunhas da defesa e condenou com base apenas na delação premiada de Leo Pinheiro — em desrespeito à Lei 12.850/13, que exige que tais delações sejam amparadas por provas materiais. Posteriormente, em carta do próprio punho, Leo Pinheiro confessou que mentiu. A carta foi publicada em todos os jornais, mas nenhum se retratou.

A condenação de Lula por Moro e sua confirmação por três desembargadores são crimes

ignorados pela imprensa que jamais serão punidos. Os apoiadores acreditam que a candidatura do ex-juiz, anunciada em 10/11, ainda vai decolar. Bem, só se ela decolar como o nosso PIB. Paulo Guedes promete a “decolagem” da economia desde o 1º dia de sua gestão.

Os problemas eleitorais do Moro são vários. Chama a atenção sua falta de experiência, eloquência, carisma e cultura. Como juiz, foi parcial e inescrupuloso. Interferiu na eleição, depois se tornou ministro do candidato que ajudou a eleger. O juiz impoluto aceitou se aliar a um presidente com notórios laços criminosos. Os jornais haviam noticiado, antes de Moro tomar posse, o enriquecimento do clã Bolsonaro com rachadinhas (peculato) e a aquisição de imóveis em dinheiro vivo (lavagem de dinheiro).

Como ministro, Moro apoiou os arruobos autoritários do presidente e suas tentativas de golpe. Tentou usar a Lei de Segurança Nacional para calar opositores, sendo rechaçado. Defendeu a exclusão de ilicitude, que permitiria aos PMS matar sob “violenta emoção”. Tratou como heróis policiais amotinados do Ceará. Baixou portarias que facilitavam a aquisição de armas.

Moro provou ser tão radical quanto Bolsonaro. Mas o gado prefere o fascista original — que é autêntico no seu racismo, misoginia e homofobia — ao imitador que usa terno e sabe comer de talher.

Na visão da direita, Moro traiu o Mito. Na visão da esquerda, ele traiu o Brasil. Na visão de quem tem senso de justiça, ele traiu a magistratura. Como todos odeiam traidores, ele é hoje o segundo candidato

mais rejeitado, só perde para o presidente.

Talvez o maior erro de Moro seja defender a política econômica atual. Disse no Twitter que Guedes era “talvez o melhor quadro de Bolsonaro”. Defendeu em entrevistas o continuísmo da política que levou o Brasil a níveis recordes de desemprego, pobreza e endividamento público. Pastore, o guru de Moro, defende a radicalização do ultraliberalismo de Guedes.

O Brasil precisa mudar a política econômica. A guinada recessiva começou em novembro de 2014, quando Dilma entregou a economia para o Chicago boy Joaquim Levy. De lá para cá, são sete anos em que a economia esteve sempre sob a gestão de ultraliberais que “combateram a recessão” diminuindo o Estado e destruindo direitos trabalhistas. Tal sectarismo fez o PIB per capita diminuir 11% no período 2015-2020.

Moro repete, também, o discurso anticorrupção que elegeu Bolsonaro em 2018. Mas ele faz pior. Sua proposta de “política anticorrupção” destruiria a independência do Judiciário e, na prática, rasgaria a Constituição. Tal política, praticada por alguém com o histórico de Moro, resultaria em perseguições políticas e no fim do Estado Democrático de Direito.

Causa-me indignação ver descreverem como “terceira via” um candidato que comunga a agenda ideológica e a política econômica de Bolsonaro. Defender a candidatura Moro 2022 é vender o continuísmo como mudança. A intolerância como conciliação. A extrema direita como centro. E o fascismo como democracia.